

Gravação: ep09_Maracatu_prores_2

Duração: [00:28:44]

| Legenda | Descrição |
|---------------------|---|
| (- comentário aqui) | Comentários do transcritor, exemplo (- risos) |
| [00:00:00] | Marcação do tempo onde inicia uma fala |
| (inint) [00:00:00] | Trecho não compreendido com clareza |
| Ahã, uhum | Interjeição de afirmação, concordância |
| Ãhn | Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando |
| Hã | Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa |
| Orador A | Marcus |
| Orador B | Não identificado |
| Orador C | Não identificado |
| Orador D | Não identificado |
| Orador E | Não identificado |

Início da Transcrição [00:00:22]

Orador A: O Som e o Silêncio é uma série com protagonistas da música brasileira. De um lado, os artesãos que dominam a arte da fabricação dos instrumentos; do outro, os músicos que encantam as plateias. Como se dá essa parceria, essa busca pelo som ideal? Essa é a pergunta que eu, Marcos Suzano, músico percussionista, pretendo investigar. Hoje é o dia dos instrumentos do PAC e do Maracatu. (-Trecho em que há uma música de fundo).

Orador B: Lucas, tô no meio. Lucas, tô marcante no meio, ok, bota esse meio. Abre mais, Fábio. Isso, vem mais pra cá, Chiquinha, entra mais, Chiquinha. Entra mais, timbau aqui, do meu ladinho aqui. (- Cantando: Ele é menino, ele é gigante, ele é o próprio movimento. Senhor dos caminhos, que faz a ponte entre o ouro e o aiê. Ele é menino, ele é gigante, ele é o próprio movimento. Senhor dos caminhos, que faz a ponte entre o ouro e o aiê. Ele é menino, ele é gigante, ele é o próprio movimento. Senhor dos caminhos, que faz a ponte entre o ouro e o aiê. Ele é menino, ele é gigante, ele é o próprio movimento. Senhor dos caminhos, que faz a ponte entre o ouro e o aiê. Ele é menino, ele é gigante, ele é o próprio movimento. Senhor dos caminhos, que faz a ponte entre o ouro e o aiê. Dá um pra lhe saudar, exu, laroíê. Dá um pra lhe saudar, exu, laroíê. Dá um pra lhe saudar, exu, laroíê.). O Maracatu pra mim, eu falo assim, é tiro de fuga, de congregação, de saber tá junto, eu acho que é isso.

Orador A: Você tem alguma definição da palavra Maracatu?

Orador B: Então, catu quer dizer, se a gente for pegar a definição da palavra Itamaracá.

Orador A: Na.

Orador B: Ita, pedra. Maraca, que canta. Pedra que canta.

Orador A: Certo.

Orador B: Por isso vai dar Maracatu.

Orador A: Catu.

Orador B: Mara.

Orador A: Mara.

Orador B: Canta.

Orador A: Canta, tá.

Orador B: O Catu eu não sei o que é, não sei se é uma palavra própria, não tem uma definição.

Orador A: Entendi.

Orador B: Não tem uma definição. Pra você ter uma ideia, os Maracatus eram tidos como afoxés antigamente.

Orador C: Pois é, ele já ouviu falar sobre isso.

Orador B: Porque afoxé é candomblé de rua e Maracatu é candomblé de rua, profanamente. Tem uma relação completamente religiosa.

Orador A: Agora e, por exemplo, no candomblé você tem as vozes. Você tem as vozes, mas no candomblé o rum é o mais grave. Mas o rum aí não roda, né, ele marca.

Orador B: Então, isso aqui é o famoso marcante, né, cara.

Orador A: Pelo tamanho dá pra ver que ele.

Orador B: Esse cara aqui não pode fazer outra coisa, se fizer outra coisa, é pau. Eu vou jogar batida.

Orador A: Tá bom.

Orador B: Sabe o baixo da banda?

Orador A: Sei.

Orador B: Só não pode ser aquele baixista da banda que fica dançando assim, sabe.

Orador A: Pois é, sei.

Orador B: Não, esse aqui é o cara. Aí a gente tem um segundo tambor que é um meiaõ.

Orador A: Meiaõ, tá.

Orador B: Então esse aqui marca, o meiaõ ele pode marcar e pode virar.

Orador A: Certo.

Orador B: A gente já vai pro cara chato que é o rebique. São oitenta tambores e todos os oitenta tambores feitos com (inint) [00:05:03].

Orador A: Caramba.

Orador B: Eu acho que o tambor tem, ele tem uma ciência, né, cara, na afinação, na pele, na madeira eu acho que o Mau tem essa preocupação quando ele tá construindo esses tambores e o amor também.

Orador D: Opa, bem-vindo.

Orador A: Como vai, mestre, tudo bem?

Orador D: Tranquilo.

Orador A: Muito obrigada por me receber. Maravilha, aqui é seu ateliê, sua oficina?

Orador D: Minha caverna.

Orador A: Sua caverna. Você faz um tambor considerado especial, que é o fire, assim, você chama ele de alfaia também?

Orador D: Não, não é alfaia.

Orador A: Você não chama de alfaia.

Orador D: Alfaia é outra coisa, alfaia é a indumentária no Maracatu. Espada, seta, coroa, é roupa, o pálio.

Orador A: Tudo, menos o tambor.

Orador D: Menos o tambor.

Orador A: Como é o nome que você?

Orador D: Bombo.

Orador A: Bombo.

Orador D: Sempre foi Bombo.

Orador A: Bombo. Acabou.

Orador D: O tambor já é um nome mais genérico.

Orador D: Porque pode ser um tamborzinho pequenininho, grandão. Um bombo é um bombo.

Orador D: Um tambor de petróleo, é um tambor. De sete toneladas, é um tambor, é um tambor. Então ele se refere a várias coisas. Mas o bombo não, o bombo é bombo, e não é outra coisa. Meu pai era marceneiro e carpinteiro, fazia cobertura de casa e tal. Então aprendi com ele a mexer nas ferramentas, porque desde pequeno eu ficava com ele na oficina, tinha cinco anos, ele saía e eu ficava ligando as máquinas. Mexendo nas ferramentas, depois comecei a ajudar ele e tal. Descobri como tratar a madeira, como cerrar, mas nada de instrumento assim, isso aí eu não sabia fazer, mas fazia. Intuição mesmo, vou construindo assim, vou fazendo, errando, consertando.

Orador A: Claro.

Orador D: No princípio de que o seguinte: alguém um dia fez pela primeira vez, sem ninguém ter ensinado. Então.

Orador B: Eu conheço o Mau pelo menos há trinta anos. Quando eu conheci o Mau pela primeira vez, o Mau tinha dredes, o cara usava dredes. Era líder, né, do Lamento Negro que deu origem ao Nação Zumbi. Pra mim o Mau é o grande mentor do Nação, cara, assim da parte percussiva do Nação. Eu, quando comecei a minha pesquisa com o Maracatu, dentro do candomblé na base de Pernambuco, foi por conta de muitas coisas que o Mau me mostrou. Eu já tocava, o Mau dizia: “ouve isso aqui, escuta isso aqui e tenta lincar.” Muita coisa que ele me mostrou foi perdida em Pernambuco hoje e eu coloco em prática com essa galera que tá aqui comigo hoje. Mas era coisa perdida lá no tempo que Mau faz questão de sabe, bater na, bater o martelo e dizer: “isso aqui saiu de tal lugar, a referência é isso.”

Orador A: Tem ritmos afros, né, que as tribos foram trazidas inteiras pra cá e que mantiveram aqui, desapareceram lá.

Orador B: Sim, famílias inteiras desapareceram. Aqui tá o DNA, aqui tá o DNA, querendo dizer, da música popular brasileira. Teve gente que se utilizou de loas em Maracatu. Tem uma música que canta assim: “é pau, é pedra, é xexo miúdo, passa baiana por cima de tudo. É pau, é pedra, é o fim do caminho”. Na minha primeira aula você vai ter que entender de onde

tá saindo os ritmos.

Orador A: Entendi.

Orador B: Então você já vai pegar marcação, por exemplo, a marcação, na minha concepção de músico, é pensar em dividir notas sabe, em relação com religião, pra mim sai de sete pancadas de Iemanjá. Vou fazer em cinco o opavá. Entendeu? Só que se perdeu, cara, em Pernambuco se perdeu. Muitas vezes que eu vou lá em Mau, a gente senta, a gente fica conversando horas sobre isso. Muita gente reclama, né, chamando a gente de baque de bêbado, por exemplo, por que baque de bêbado? Porque a galera toma cerveja, o grupo do Galinzé toma cerveja, toma. Aí eu fui falar com o Mau um dia, fui trocar uma ideia com o Mau. O Mau: “Galinzé, porra, eu admiro tu, pernambucano, tu viu várias vezes o elefante desfilando, o leão coroadado desfilando, os caras só tão com uma garrafa de cana num bolso e um pedaço de charque no outro, pô”. (-Novamente, trecho em que várias vozes cantavam). Eu tento seguir o que me ensinaram. Eu lembro quando minha mãe pegava na mão assim e dizia: “vamos ver o desfile do Maracatu”. Eu via elefante, caramba, como eu queria tá ali dentro sabe, assim e eu venho de família tradicional popular, de cultura popular. Minha família é de Ciranda de Porto, né, cara. (Trecho em que várias vozes cantavam).

Orador D: No meu trabalho, como eu vim do ambiente social, do gueto assim, que eu vivi na capoeira, no, mas eu acho que foi mais uma missão de vida do que em busca de um emprego, de um trabalho. Pra mim é importante a identidade cultural que o Brasil tá tendo, assumir tudo isso, isso aqui é do Brasil todo, pô. Eu fui fundador do [inint] [00:12:29]. Eu fui fundador do Lamento Negro. Fazia instrumento, fazia roupa, costurava. Por isso que eu sou artesão.

Orador A: Você é um artesão e tanto.

Orador D: Porque eu fazia tudo.

Orador A: Claro, claro.

Orador D: Fiz o instrumento pra Nação Zumbi, ensinei os caras a tocar, desde o princípio, foram tudo meus alunos. Esse movimento começou há quase trinta anos, há trinta anos. Pra você chegar trinta anos depois e eu tá aqui, no mesmo lugar, fazendo o negócio, então isso

tem um custo muito alto. De horas que tem dinheiro, de horas que não tem e eu não largar, tô aqui. A cultura vai precisar, o movimento cultural vai precisar, eu tô aqui.

Orador A: Agora, pro tambor você acha que não tem muito [inint] [00:13:15].

Orador D: Não, o principal do tambor é o coro. Porque tem gente que não sabe preparar o coro, que ele fica recebendo umidade, não tira o sal direito do coro. Ele vai amolecendo, perde e fica.

Orador A: O coro é uma coisa frágil. Olha que corão lindo, olha só. Aqui ele meteu uma agulha para costurar.

Orador D: Não, isso aí é o prego pra esticar ele.

Orador A: Pra esticar ele na madeira lá. Olha a espessura do negócio. Jenipapo tem algum aqui assim?

Orador D: Aqui nós estamos fazendo uma mistura de jenipapo com piu, jenipapo é esse aqui.

Orador A: O de dentro.

Orador D: Esse aqui é o pinho, porque o pinho acabou, não tem mais pinho.

Orador A: A gente tem se deparado com essa situação que as madeiras tão faltando.

Orador D: Mas esse jenipapo é uma madeira mais maleável, ela é bem, essa aqui é uma madeira mais permeável.

Orador A: Olha, incrível. Você dá só um pouco de calor.

Orador D: Não, nem calor não.

Orador A: Nem precisa de calor. Que coisa interessante. Então quer dizer, você usa ela pro lado de dentro.

Orador D: Uso ela pro lado de dentro. Porque tem gente que gosta mais, não gosta dela assim, gosta que passa um branquinho aqui.

Orador A: Esses tambores são lindos.

Orador D: Condensado aqui, madeira industrial.

Orador A: Certo.

Orador B: Na realidade, os tambores eram feitos com macaíba, né, cara. Só que a macaíba, você não pode derrubar a macaíba porque é um, é uma árvore sagrada, é protegida pelo, pelo, pelo governo de Pernambuco, né, então você só pode pegar a macaíba quando ela tá no chão. Geralmente ela cai quando chove muito. Uma pessoa liga: “ó, Maureliano, vem aqui que caiu uma macaíba”. Eu vou falar uma coisa super importante do Mau, cara. O Mau tem uma preocupação muito grande com a preservação florestal, cara. Eu tenho poucas macaibas no grupo, né, as poucas que tem, foram feitas. Eu tenho uma de vinte e oito.

Orador A: Soa diferente?

Orador B: Soa diferente. Não desafina. Isso é a famosa macaíba, né, que você chama aqui de coquinho babão.

Orador A: Coquinho babão.

Orador B: Aquele coquinho babão assim.

Orador A: Pô, mas é interessante, né, bem tosca. A outra é bem acabada. Essa aí é lascada mesmo.

Orador B: Pesada, é pesada.

Orador A: Bem mais pesada que.

Orador B: Mas o som é absurdo, cara, assim.

Orador A: Pô, que som bonito em. Caramba em, ficou esticadinho. Essa é a resposta?

Orador B: Essa é a resposta à batida.

Orador A: Pra mim continua esticadinho. A gente tá ouvindo, pensa que vai rolar [inint] [00:15:45], eu falei caramba. (Trecho em que várias vozes cantavam).

Orador D: Duas e essa daqui a gente faz uma campana dessa aqui. (-Trecho com o som de instrumentos que estão sendo mostrados pelo orador). Segue o [inint] [00:18:38].

Orador B: Eu não sou batuqueiro, eu sou músico. Então eu penso o Maracatu, a batida do Maracatu enquanto música. Eu crio arranjo em cima do marcante, em cima do meio, em cima do chimbal. Porque senão não faz sentido, cara. A gente é um bloco, mas eu tento manter a tradição das noções de Pernambuco. Porque eu acho importante pra rua e permissão dos ancestrais, dos ancestrais de algumas pessoas. Eu quero manter essa tradição. Até porque eu sou do Candomblé, né, então isso pra mim é muito comum, sabe, o sangue na religião é vida. Então se eu derramo sangue pra ela, se eu derramo sangue no tambor, eu tô dando vida pra ela, dando vida pros tambores.

Orador A: Isso é a peça chave.

Orador B: Ele é o [inint] [00:19:56].

Orador A: A clave, né, da coisa. Esse negócio é pra encaixar aqui, não é isso?

Orador B: Chama bomgê cinzeiro.

Orador A: Mas aí, olha é diferente.

Orador B: Diferente, é. Esse é o instrumento de Ogum, né, cara.

Orador A: De ogum, certo.

Orador B: É o cara que leva a mensagem de Ogum pro aiê. Sem esse cara aqui, pra mim não é Maracatu, cara. Os tambores são lindos, são maravilhosos, mas esse é o cara.

Orador A: O gonguê define tudo.

Orador B: Sim. Porque eu acho que é a coisa mais religiosa. Geralmente é feito de ferro, né, cara. Pra você ter ideia, falando dessa coisa do Maureliano, né, cara. O Mau, eu cheguei lá um dia e disse: pô, Mau, eu queria um gonguê que não rachasse. Que tivesse outra sonoridade, várias sonoridades. O cara fez um gonguê de inox, cara.

Orador A: Interessante mesmo.

Orador B: Sabe e assim, não racha, o cara é um, o cara é um, é. Quando chega lá, ele tem vários instrumentos e ele fez vários agogôs, ele dizia: “eu tenho uma parada nova pra te mostrar”. Eu disse: pô, maneiro. Cheguei lá, ele montou e fez. Começou a tocar Bobby Marley, cara.

Orador A: Muito bom. Demais.

Orador C: Agora tá com uma outra história que saiu, tá guardada a sete chaves, mas eu vou falar, ele quer fazer uma orquestra de frevo de percussão.

Orador A: Legal, cara, maneiro.

Orador D: É louco. Aí vem o quem é o trompete? É você o trompete e você tem o instrumento que vai fazer os ataques de trompete. A marcação, em vez de um tambor, vou botar um gonguê.

Orador A: Vai destacar.

Orador D: Justamente. Porque se eu botar um bumbumbum, ele vai confundir com o bumbo. Tem uns tambor grande e tal. Quer ver aí o pandeiro e os ataques dos tambores tudo.

Orador A: Sensacional.

Orador D: Assim é um novo trabalho, entendeu, uma nova ideia com a mesma coisa.

Orador A: Percussão ocupando.

Orador D: Geralmente. Vai dar o quê? Vai dar um respaldo pro percussionista escrever o frevo. Só de tambor, partitura.

Orador A: Melodia ritmo.

Orador D: Esqueça ritmo.

Orador A: Entendi. Melodia mesmo, de frases.

Orador D: De tambor.

Orador A: Entendi.

Orador D: (- Cantando: “Na beira da praia eu vi que o mar não recuou. Na beira da praia eu vi que o mar não recuou. Na beira da praia eu vi que o mar não recuou. Na beira da praia eu vi que o mar não recuou. No reino de Iemanjá, estrela do mar é flor. No reino de Iemanjá, estrela do mar é flor. No reino de Iemanjá, estrela do mar é flor. No reino de Iemanjá, estrela do mar é flor.”.)

Orador A: Legal, legal. Vamos fazer de, você botou no outro em baixo ali também.

Orador D: (- Cantando: “No reino de Iemanjá, estrela do mar é flor. No reino de iemanjá, estrela do mar é flor.”)

Orador E: Essa boneca a Calunga, ela representa o Axé da nação, representa ancestrais que eram importantes dentro da nação. Aqui no Ogum a gente tem duas Calungas, uma que representa a mãe e outra que representa a avó do Galinzé, dona Junta e dona Maria, aí elas tão justamente carregando essa ancestralidade, essas pessoas que foram importantes dentro da construção das nações de Pernambuco, que são importantes dentro dos grupos percussivos, que se inspiram nesse histórico ancestral das nações.

Orador A: Eu não tenho uma alfaia, eu não tenho um tambor.

Orador D: Você pode ter uma alfaia, uma espada.

Orador A: Eu não tenho um tambor, um bombo, eu não tenho um bombo, isso é difícil de falar. Eu não tenho um bombo.

Orador D: Eu vou fazer pra você de barriu e com couro de boi, pra você.

Orador A: O que você achar bom, pra mim tá.

Orador D: Mas aí no caso isso aqui vai ser, tem um tampado aqui, que o senhor fica mais fechado aqui dentro e aqui tem um buraquinho que o senhor bota o dedo aqui. Você bate aqui.

Orador A: Mas deixa eu ver um negócio aqui.

Orador D: Mas aqui também já rola.

Orador A: Um tom seco. Pô, ficou bom também. Até o tato é legal. Incrível como que responde, genial. Faz igual, igualzinho o coro. Cada vez ficando mais amigo das madeiras. Tô aprendendo cada coisa aqui. Sensacional, ficou muito, boa ideia.

Orador D: Eu vou fazer o acabamento desse aqui, o folhado dele, a manchetaria e eu mando lá pra você.

Orador A: Espetacular. Vamos lá. Aí garoto, obrigado. Sensacional o encontro e fico esperando, né, certo.

Orador D: Vai chegar.

Orador A: Tá bom, combinado. Vamos embora. Eu espero voltar aqui o mais rápido possível.

Orador D: Beleza.

Orador A: Já é?

Orador D: Tô te esperando.

Orador A: Tá certo, falou, valeu. Muito bom, cara. Muito obrigado, cara. Obrigado aí pela.

Orador D: Vou tá contigo aqui.

Orador A: Muito obrigado a todos e todas pela participação. “Axé”. Isso aí, valeu.

Fim da Transcrição [00:27:56]